

EXPERIÊNCIAS SOCIAIS NEGRAS NO ESPAÇO PÚBLICO: representações sobre a “presença negra” no centro de São Paulo no Projeto Unesco sobre Relações Raciais (anos 1950)¹

EIXO TEMÁTICO 03: Representações, Memória e Preservação do Urbano

SIQUEIRA, Renata Monteiro

Pós-doutorado; AFRO CEBRAP

rs.posdoc@gmail.com

RESUMO

Este artigo analisa o modo como a dimensão racial constituiu os imaginários sobre a rua Direita, no centro de São Paulo, nos anos 1950, momento em que a cidade passava por importantes transformações. Metodologicamente, exploro o potencial de acervos intelectuais de pesquisadores sobre relações raciais para a história urbana. Analiso, principalmente, as fontes primárias do Projeto Unesco, coordenado pelos sociólogos Roger Bastide e Florestan Fernandes. Naquele momento, a rua Direita já era associada, havia pelo menos duas décadas, à concentração de pessoas negras, sobretudo em atividades de lazer, notadamente uma forma de passeio conhecida à época como *footing*, tendo suscitado memoráveis conflitos raciais. Testemunhas de tais conflitos, os pesquisadores do Projeto Unesco estiveram entre os primeiros a procurar coligir dados primários sobre aquela sociabilidade. Sem esgotar a documentação, analisarei duas representações produzidas pelos próprios negros, uma idealizada e outra reprovando-a. Considerando que as interpretações acadêmicas tenderam a emular tais representações, buscarei, por fim, explorar as nuances entre esses dois extremos por meio da análise da experiência social de sujeitos que participaram da pesquisa.

Palavras-chave: Espaços Públicos; Áreas Centrais; Relações Raciais; Projeto Unesco; São Paulo.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2024/06645-8.

PENSAR FORA DO EIXO

ABSTRACT

This article examines how the racial dimension shaped imaginaries surrounding Rua Direita, in downtown São Paulo, during the 1950s, a period in which the city was undergoing significant transformations. Methodologically, it explores the potential of intellectual archives produced by scholars of race relations for urban history. The analysis draws on the primary sources of the UNESCO Project, coordinated by the sociologists Roger Bastide and Florestan Fernandes. By that time, Rua Direita had already been associated for at least two decades with the concentration of Black people, particularly in leisure activities, most notably a form of promenade known at the time as footing, which had given rise to memorable racial conflicts. Having witnessed such conflicts, the UNESCO Project researchers were among the first to attempt to collect primary data on this sociability. Without attempting to exhaust the available documentation, I examine two representations produced by Black agents themselves: one that idealized the practice and another that condemned it. Given that academic interpretations have tended to reproduce these representations, I ultimately seek to explore the nuances between these two poles through an analysis of the social experiences of individuals who participated in the research.

Keywords: Public Spaces; Downtown Areas; Race Relations; UNESCO Project; São Paulo

RESUMEN

Este artículo analiza cómo la dimensión racial configuró los imaginarios sobre la calle Direita, en el centro de São Paulo, durante la década de 1950, un período en el que la ciudad atravesaba importantes transformaciones. Metodológicamente, exploro el potencial de los archivos intelectuales producidos por investigadores de las relaciones raciales para la historia urbana. El análisis se basa principalmente en las fuentes primarias del Proyecto Unesco, coordinado por los sociólogos Roger Bastide y Florestan Fernandes. Para entonces, la calle Direita ya estaba asociada, desde hacía al menos dos décadas, con la concentración de personas negras, especialmente en actividades de diversión, en particular una forma de paseo conocida en la época como footing, que había dado lugar a memorables conflictos raciales. Testigos de tales conflictos, los investigadores del Proyecto Unesco estuvieron entre los primeros en intentar recopilar datos primarios sobre dicha sociabilidad. Sin pretender agotar la documentación disponible, examinaré dos representaciones producidas por los propios negros: una que idealizaba la práctica y otra que la reprobaba. Considerando que las interpretaciones académicas tendieron a reproducir estas representaciones, buscaré finalmente explorar los matices existentes entre ambos extremos mediante el análisis de la experiencia social de los sujetos que participaron en la investigación.

Palabras clave: Espaço Público; Áreas centrais; Relações raciais; Projeto UNESCO; São Paulo.

PENSAR FORA DO EIXO

INTRODUÇÃO

Este artigo busca contribuir para a discussão acerca das disputas em torno das representações urbanas e das práticas que elas legitimam, consolidam ou contestam, com especial atenção à sua dimensão racial. Metodologicamente, exploro o potencial de acervos intelectuais de estudiosos das relações raciais para a história urbana, no esforço de expandir as possibilidades teórico-metodológicas e empíricas de pesquisa nesse campo. Para tanto, analiso os discursos produzidos sobre a rua Direita, no centro de São Paulo, em meados do século XX, por meio da documentação primária de um importante projeto sobre relações raciais realizado nos anos 1950 sob os auspícios da Unesco. O interesse na rua Direita reside em sua localização estratégica, no centro da cidade, e no fato de ela ter abrigado uma importante sociabilidade negra, suscitando memoráveis conflitos raciais que contribuíram para conferir sentido aos termos das disputas urbanas em jogo naquele momento. Interrogo, assim, os discursos e embates em torno da rua Direita no Projeto Unesco, focalizando, neste texto, as perspectivas elaboradas pela própria população negra.

Na esteira das evidências dramáticas, para a humanidade, e vergonhosas, para os europeus, do Holocausto, seguindo-se à Segunda Guerra Mundial, o Projeto Unesco visava compreender as especificidades que faziam do Brasil um suposto paradigma de relativa “harmonia racial”. Para tanto, foram constituídas equipes de investigadores para estudar o assunto em diferentes regiões do país – no Pará, em Pernambuco, na Bahia, no Rio de Janeiro e em São Paulo.² Contudo, na maior parte dos casos, os resultados acabaram por frustrar as expectativas iniciais da Unesco, já que o projeto, de modo geral, foi um passo importante para o reconhecimento do “problema racial” brasileiro pela comunidade científica e deu margem aos primeiros esforços mais sistemáticos de análise de seu funcionamento e de suas consequências na sociedade brasileira (MAIO, 1997). Em São Paulo, o projeto foi coordenado por Roger Bastide e Florestan Fernandes, sociólogos da Universidade de São Paulo, que contaram com o apoio de pesquisadores assistentes recrutados entre seus estudantes, bem como com a participação de pesquisadores experientes, como Oracy Nogueira, Virgínia Bicudo e Aníela Ginsberg.

A sociabilidade negra que desde a década de 1930 suscitava incômodo entre setores da população branca paulistana, como cronistas da vida urbana e, em especial, comerciantes da área central, consistia em um passeio – chamado à época de *footing* – pelas ruas do centro da

² A região Sul seria, em seguida, objeto da pesquisa de Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni (1960).

PENSAR FORA DO EIXO

cidade, entre as quais a rua Direita (SIQUEIRA, 2025). Embora não fosse necessariamente uma prática de reivindicação ou contestação – era de diversão, principalmente, que se tratava – o *footing* suscitou reações conservadoras de parte da sociedade. Por um lado, ele era a expressão da maior presença feminina – branca e negra – no espaço público, em condições de autonomia em relação aos homens. Por outro, essa prática deu visibilidade à coletividade negra no espaço público, também em condições de autonomia, desfrutando de seu tempo livre, tensionando as hierarquias raciais que tradicionalmente organizavam as relações sociais entre negros e brancos (FERNANDES, 2021 [1965], p. 312). Portanto, no ponto em que se encontra a pesquisa de que se origina este artigo, é possível sugerir que o *footing* se inscrevia em um processo de relativa democratização das relações sociais, bem como dos usos do espaço público. Contudo, a formação de um “*footing* negro” na década de 1930 (LOWRIE, 1938) rapidamente mostrou os limites dessa democratização, culminando na tentativa de se proibir a circulação de pessoas negras pelo Triângulo³, em 1944, por parte da Secretaria da Segurança Pública, a pedido dos comerciantes da rua Direita. Esse episódio suscitou forte resistência social (SOTERO, 2015), que acabou por inviabilizar a iniciativa. A repercussão desse evento pode ter motivado os pesquisadores do projeto Unesco a procurar coligir, ativamente, dados sobre essa prática social, incluindo uma pergunta específica sobre o assunto em um questionário dirigido à população negra, na seção dedicada às suas “diversões”.

Não cabe, no escopo desse artigo, analisar exaustivamente a documentação do projeto Unesco. Contudo, é necessário caracterizar minimamente o universo empírico consultado. Os dados daquela pesquisa foram produzidos a partir de metodologias variadas, entre as quais, questionários e entrevistas com pessoas negras, questionários e entrevistas com pessoas brancas, bem como conversas informais com brancos e negros, procurando alcançar, no interior de cada grupo racial, a maior diferenciação social possível. Entre “brancos”, distinguiu-se aqueles oriundos das chamadas famílias “de quatrocentos anos” e de imigrantes estrangeiros e seus descendentes, considerando ainda a classe social a que pertenciam. Do mesmo modo, para a população negra⁴, procurou-se coletar dados sobre sujeitos pertencentes às “classes baixas”, em processo de ascensão social, bem como aqueles pertencentes ao exíguo número dos que haviam

³ No centro de São Paulo, o “Triângulo” designa o perímetro delimitado pelas ruas Direita, São Bento e XV de Novembro.

⁴ No projeto Unesco, essa categoria incluía pessoas classificadas como “pretas” e “mulatas”, nomenclatura hoje bastante problematizada, mas corrente nos anos 1950 para designar indivíduos de ascendência mista entre brancos e negros.

PENSAR FORA DO EIXO

conseguido consolidar-se no interior das classes médias, por vezes em seus níveis mais elevados.

Parte significativa dessa documentação está salvaguardada no acervo intelectual de Florestan Fernandes,⁵ que reúne, ainda, uma vasta documentação escrita, com títulos da imprensa negra e da imprensa hegemônica, documentos da Frente Negra Brasileira (1931-1937), trabalhos científicos feitos por intelectuais negros, entre outros. Para o Projeto Unesco, foram, ainda, produzidas histórias de vida de dois militantes negros. Foram feitas visitas a dois cortiços da cidade. Membros das elites intelectuais e econômicas escreveram dissertações sobre temas relacionados ao “preconceito de cor”, como também foram incorporados trabalhos dissertativos realizados pelos próprios estudantes da Universidade de São Paulo. O projeto notabilizou-se, ademais, pela realização de diversas mesas-redondas, conduzidas e constituídas por intelectuais negros, que foram taquigrafadas. Tais mesas-redondas visavam discutir, em profundidade, diferentes problemas relativos à situação do negro em São Paulo. Nelas, intelectuais negros expunham trabalhos analíticos autorais e os presentes se envolviam em intensos debates. Foram feitos, ademais, grupos focais com mulheres negras. Tudo isso era complementado por anotações de situações observadas no cotidiano, ou provocadas pelo próprio Fernandes. Discussões entre suas duas filhas pequenas, conversas com desconhecidos no ponto de ônibus, situações ocorridas durante certo percurso no transporte coletivo ou no cinema, uma nota de 20 cruzeiros com inscrições racistas, tudo se tornava fonte de interesse.

Em todo o material consultado no acervo de Florestan Fernandes até o momento, identifiquei oito referências à rua Direita e suas imediações, sendo três delas em Mesas-Redondas de intelectuais negros, quatro falas espontâneas de pessoas brancas, um registro na documentação escrita, além de onze respostas ao questionário que incluía a pergunta sobre o *footing*.⁶ A diversidade dos contextos de enunciação sobre a rua Direita e sua sociabilidade negra – em uma pesquisa que não privilegiava a espacialidade – permite dimensionar a sua presença no imaginário social naquele momento. Para o presente trabalho, selecionei o material da documentação escrita e do questionário, valiosos para sistematizar algumas das representações sobre a rua Direita que emergiram durante a pesquisa para a Unesco, produzidas por seus participantes negros. A

⁵ Disponível no Fundo Florestan Fernandes, no acervo de Coleções Especiais da Biblioteca Comunitária da UFSCAR.

⁶ Analisar as referências à rua Direita nas mesas-redondas exige detalhamento do contexto de enunciação e dos agentes que as proferiram, bem como de sua relação com processos urbanos mais complexos, o que extrapola os objetivos deste trabalho. Tal análise será realizada oportunamente.

PENSAR FORA DO EIXO

documentação escrita revela duas representações opostas e concorrentes entre si, quais sejam, a exaltação da dimensão afetiva de um lugar de sociabilidade negra, de um lado, e a rua Direita como lugar de estigmatização racial, de outro. Enquanto isso, nos questionários, as referências ao *footing* se inserem em um conjunto maior de informações sobre as experiências sociais dos respondentes. Nesse sentido, embora pouco numerosos, os questionários contribuem para iluminar nuances e complexidade às representações polarizadas ou mesmo dicotômicas que prevaleceram sobre o *footing* da rua Direita até o momento, por permitirem acessar rastros de vivências pessoais, algo raro nas fontes sobre o *footing* da rua Direita. Assim, a presente análise recorre ao método do “paradigma indiciário”, que permite reconstituir o conhecimento sobre um objeto histórico de maneira indireta, a partir de indícios fragmentários e aparentemente marginais, sobre uma realidade que Carlo Ginzburg (1989, p. 177) qualifica de “opaca”.

O texto se organiza em duas seções de análise, seguidas das considerações finais. Na primeira parte, analiso, com base na documentação escrita reunida por Fernandes – em especial uma edição de um periódico negro de 1954 – o modo como a sociabilidade negra no centro da cidade adquiriu uma dimensão afetiva ao mesmo tempo em que era objeto de escrutínio e de críticas de parte da população negra. Na segunda seção, procuro nuançar essas duas visões extremas, analisando respostas aos questionários aplicados às pessoas negras. O número de questionários preenchidos é bastante reduzido e apenas uma pessoa respondeu afirmativamente à pergunta relativa à prática do *footing*. Comparo esse questionário com outro, em que o respondente, provocado pela entrevistadora, teve a oportunidade de manifestar sua aversão ao “*footing* da rua Direita”. Tal comparação, se não permite – e não é essa a pretensão deste texto – traçar um perfil social dos frequentadores do *footing*, possibilita ao menos nuançar as representações contrastantes dessa prática na imprensa negra do período. Ela permite, ainda, matizar interpretações reducionistas sobre o *footing* da rua Direita no campo dos estudos sobre relações raciais. Chamo a atenção, em particular, para o contraste entre as posições de Bastide, no âmbito do próprio Projeto Unesco, e as do historiador George Andrews, que, quatro décadas mais tarde, revisitou criticamente aquela pesquisa e, sobretudo, as teses dela derivadas por Florestan Fernandes (2021 [1965]). Roger Bastide (1953) reteve, em sua análise, o que afirmou ter ouvido de lideranças negras, segundo as quais “os negros que [frequentavam] a rua Direita [eram] os menos recomendáveis possível, que fizeram daquela rua um ‘centro de perdição’ ou de prostituição barata”. George Andrews (1991), por sua vez, afirmou que aquele seria um “território livre” para as classes pobres e trabalhadoras negras da cidade, ao passo que para as classes médias, seria uma fonte de humilhação. Este texto busca, portanto, oferecer indícios de uma

PENSAR FORA DO EIXO

sociabilidade mais complexa, que tanto mobilizava seus praticantes na busca por realizar suas aspirações de usufruir da vida urbana moderna quanto impôs a eles sérios constrangimentos decorrentes das formas de dominação racial que ordenavam as relações sociais.

1 DO LADO DIREITO DA RUA DIREITA

Ao conversar, sobretudo com pessoas mais jovens do que eu, mas não só, o termo “*footing*” em geral provoca estranheza. Uma vez feita minha explicação, no entanto, meus interlocutores – sejam eles brancos ou negros, homens ou mulheres – rapidamente compreendem, reconhecendo experiências pessoais ou de alguém próximo, em outros bairros da capital paulista, no próprio centro da cidade ou em cidades do interior onde vivem ou viviam suas avós e mães. Descobri, após iniciar essa pesquisa, que minha própria mãe, branca como eu, descendente de italianos de uma baixa classe média, “fazia o *footing*” em sua cidade natal. Às vezes essa prática é conhecida por outro nome. Às vezes ela subsiste na atualidade. Uma vez superadas as ressalvas à palavra estranha e estrangeira, em geral, todos entendem. É passear na praça, nos jardins e em determinadas ruas da cidade, com a roupa mais bonita, com a intenção expressa de ver e ser vista, de chamar a atenção de algum rapaz, de trocar olhares, flertar e eventualmente namorar, noivar, casar.⁷ Puxe conversa sobre o assunto. Há chance real de alguém lhe dizer que conhece alguém que conheceu seu futuro marido ou esposa, ou algum(a) namorado(a), no *footing* de tal ou tal cidade, de tal ou tal bairro.

Os passeios pela rua Direita foram imortalizados na canção “Do lado direito da rua Direita”, interpretada pelos Originais do Samba, em gravação de 1972.⁸ A composição descreve o ambiente do *footing*: passar diante das vitrines coloridas das lojas; o encontro imprevisto e maravilhado com uma “escolhida”; a multidão, em meio à qual essa desaparece; e, finalmente, a prática rotineira, cotidiana, pois o rapaz retornará à rua Direita em busca daquela moça e, provavelmente, a encontrará. O romance, pois, ou a paquera, ao menos, estava no horizonte de expectativas de muitos daqueles que faziam o *footing* (AZEVEDO, 1978). Tais encontros, fortuitos e encantadores, na rua Direita ou em suas imediações, como a praça do Patriarca, também foram

⁷ Uma versão menos romantizada do *footing*, enfatizando o constrangimento das mulheres ao casamento, as etiquetas, as estranhezas e, por fim, as frustrações de expectativas é narrada em uma crônica de João Antônio (1994).

⁸ A composição é de Luiz Carlos Evangelista de Souza e Francisco de Souza Serra (Chiquinho). Uma interpretação dos Originais do Samba, durante gravação para a TV Cultura em 1972, está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-Y0k0DNcczc> (acesso em 12 de março de 2026).

PENSAR FORA DO EIXO

tematizados em poemas de artistas negros, como “A negrinha que passou”, de Carlos de Assumpção⁹, publicado em uma edição do periódico negro *Novo Horizonte*¹⁰, em janeiro de 1954:

Vou à praça do Patriarca
De qualquer maneira eu vou
Ver se encontro a negra linda
Quem nem ao menos me olhou

Ela é encantadora rosa
Cujas pétalas quem pintou
Foi a Noite, foi a Noite,
Quem Deus à Terra mandou ...

Vou à Praça Patriarca
Ver a negra que passou
Que passou iluminando
E minh' alma iluminou...

Vou à Praça Patriarca
De qualquer maneira eu vou
A beleza da crioula,
De pronto me enfeitiçou

Vou à Praça do Patriarca
Meu coração lá ficou
Nas mãos da negrinha linda,
Que, sem saber, o levou. (ASSUMPÇÃO, 1954, p. 2)

Essa edição do *Novo Horizonte* compõe a heterogênea “Documentação Escrita” coligida por Florestan Fernandes. Ela não lhe serviu para a redação do relatório apresentado à Unesco, publicado na Anhembi ao longo de 1953,¹¹ mas informou a redação de sua tese de livre-docência, em 1964, a colossal “A integração do negro na sociedade de classes”, publicada em dois volumes e cujo material empírico, embora complementado com documentos como esse, foi recolhido principalmente durante a pesquisa para a Unesco, mais especificamente em 1951.

⁹ Nascido em Tietê (SP) em 1927, Carlos de Assumpção é um importante poeta negro. Após concluir o Curso Normal, formou-se em Direito e Letras no município de Franca. Um de seus poemas mais conhecidos é “Protesto”, de 1954 (BARBOSA, 1998). Também publicou obras na série Cadernos Negros, criada em 1978. Informações em: <https://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/180-carlos-de-assumpcao> (acesso em 15 de junho de 2026)

¹⁰ O *Novo Horizonte* foi um dos periódicos negros criados em São Paulo a partir da redemocratização que se seguiu ao Estado Novo. Foi fundado em 1946 e circulou até o início dos anos 1960. O jornal se notabilizou pela colaboração de militantes experientes, como Aristides Barbosa (seu redator-chefe nos anos 1940), Raul Joviano do Amaral e Lino Guedes, e outros mais jovens, como Sofia Teixeira Campos, Geraldo Campos de Oliveira e Oswaldo de Camargo. Ver Alberto (2017); Lima e Silva (2022); Barbosa (1998).

¹¹ A pesquisa foi publicada em partes entre as edições de maio de 1953 e maio de 1955. Os textos de Fernandes foram publicados nas edições de maio, junho e setembro de 1953.

PENSAR FORA DO EIXO

O registro lírico, como o poema de Carlos de Assumpção e a própria canção que seria mais tarde interpretada pelos Originais do Samba, é aquele em que encontramos uma vinculação afetiva com o lugar, que emerge como possibilidade de encontro e de amor. Não foi, contudo, o poema que chamou a atenção de Fernandes, se considerarmos as suas anotações no documento. Embora sem se referir à rua Direita, um outro artigo, este sim grifado pelo sociólogo, oferecia um ponto de vista distinto sobre os encontros da população negra em espaços públicos da cidade. O artigo redigido por Paulo Luz intitulava-se “Protesto de um jovem negro” e anunciava a intenção de inaugurar uma coluna mensal aportando “fatos [...] que apreciamos pelas ruas e que prejudicam [...] a marcha da vida social de nós outros” (LUZ, 1954, p. 4). O problema abordado pelo jovem naquela coluna, que ele avaliava como “uma das maiores vergonhas que presenciamos em São Paulo”, dizia respeito, justamente, ao comportamento de “rapazes e moças” em “constantes aglomerações [...] em determinadas praças públicas” (idem, *ibidem*). O que ele censurava e desejava “combater” não era a reunião das pessoas, em si, mas o modo como elas se comportavam:

Uma algazarra infernal, gargalhadas tremendas e uma palavra menos decente para intercalar tudo isto [...]. Ali, só podem ser ventilados dois assuntos: festas e namoradas. Não sei onde eles arranjam tanto assunto, pois todos os dias, à hora já determinada, lá estão num cortejo que se estende de uma esquina à outra, “enchendo” a paciência dos que precisam ir para suas casas, cuidar de suas responsabilidades, primeiro porque não possuem capacidade para assumi-las e segundo porque esta capacidade não se adquire em esquinas e muito menos em porta de botequim. (idem, *ibidem*)

Em suma, a visão idílica que encontramos na poesia publicada a duas páginas de distância chocava-se frontalmente com a percepção do jovem militante. Para este, o namoro e a diversão pelas ruas correspondiam à falta de responsabilidade e de decoro. Em especial, o jornalista se preocupava com o destino das “moças decentes” eventualmente desvirtuadas por seus galanteadores, pagando “não só pela sua ingenuidade, como pela falta de orientação que as caracterizam” (idem, *ibidem*). Isso, no entanto, agravava-se pelo fato de tudo acontecer nos “pontos de reunião dos donos da cidade, dos ‘Majores’, como dizem lá” (idem, *ibidem*). Ou seja, os encontros, passeios, conversas em alta voz, bem como, possivelmente, beijos e abraços, aconteciam em espaços associados ao poder, aos *homens de poder*, como era o centro da cidade. Esses homens brancos e poderosos, ao testemunharem aqueles comportamentos supostamente inapropriados formariam, confirmariam, repisariam sua opinião depreciativa, não sobre os indivíduos a quem assistiam, mas sobre todo o grupo racial.

PENSAR FORA DO EIXO

Nesse sentido, e apesar de se tratar do protesto de um “jovem negro”, Paulo Luz dava continuidade a um pensamento e a uma estratégia antirracista bastante consolidados, que se coadunam com o que os responsáveis pelo Projeto Unesco definiram como “puritanismo negro”.¹² Em 1937, Raul Joviano do Amaral já manifestara posição idêntica à de Paulo Luz ao condenar o comportamento das pessoas negras que faziam o *footing* na rua Direita. Concedendo que todos tinham o direito de passear e divertir-se após o trabalho árduo de toda a semana, o intelectual e militante não podia, contudo, admitir “o círculo viciado daquela passeata: a pouca vergonha que se nota e o descaramento das ações praticadas [...]”, isto é: “ajuntamentos de *don Juans* sem escrúpulos [...]”, que promoviam “focos de obscenidades que provocam as cenas mais escandalosas: esse misturar de homens e mulheres sem a mínima sombra de pudor, sem nenhuma compostura” (RAJOVIA, 1937a, p. 4). Do mesmo modo, nos anos 1940, anonimamente, Lino Guedes, outro intelectual negro, ponderara sobre as “maneiras” dos negros e, sobretudo, das mulheres negras na rua Direita, de modo que “as moças [andassem] melhor vestidas e não [conversassem] em voz alta assuntos que não se falam na rua” (*apud* BICUDO, 2010, p. 75 [1944]).¹³

Em realidade, esses militantes tinham consciência do fato de que os “negros” eram homogeneizados por estereótipos e estigmas. Em luta por melhores condições de vida e por um tratamento “humano” por parte dos brancos, acreditavam que a adoção e a ostentação de uma conduta irrepreensível contribuiriam para melhorar a imagem do grupo racial. Qualquer “deslize” de um deles, ou qualquer atitude condenada pelos brancos, e pior se fossem os “donos do poder”, tinha consequências para todos os negros, indiscriminadamente. Como argutamente constatou Raul Joviano do Amaral, os negros eram uma “pobre raça sobre a qual uma pequena mancha se torna uma nódoa tremenda” (RAJOVIA, 1937a, p. 4). Por isso ele demandava, daqueles transeuntes, consciência sobre o “problema coletivo dos negros”, que não poderia ser prejudicado por suas escolhas individuais: “Não somos, ainda, uma sociedade forte na estrutura econômica e,

¹² Uma definição e análise do “puritanismo negro” são feitas por Fernandes (2021), em especial no segundo capítulo do segundo volume de *A integração do negro na sociedade de classes*. Embora possa ser problematizada, a expressão buscava explicar a mudança de comportamento do negro, especialmente daquele em ascensão social, ao romper com o “padrão tradicionalista de relações raciais”. Em suma, ao buscar se afastar dos estereótipos negativos que afetavam o grupo racial negro como um todo, aqueles sujeitos aderiam a e ostentavam um padrão de vida respeitável, ordeiro e, muitas vezes, moralista.

¹³ Os depoimentos colhidos por Virgínia Bicudo foram anonimizados. Contudo, é possível, por meio de outras informações apresentadas pelo interlocutor, inferir com segurança que se trata de Lino Guedes. Considerando a relevância histórica do debate e a necessidade de se conhecer seus agentes, creio ser importante indicar os sujeitos sempre que possível. As informações não trazem prejuízo à imagem de Guedes e podem ser corroboradas por outros documentos que, de toda forma, expõem sua identidade.

PENSAR FORA DO EIXO

por isso mesmo, não podemos criar antagonismos entre o interesse individual e o interesse social” (RAJOVIA, 1937b, p. 1). Do mesmo modo, Paulo Luz desejava que aqueles “rapazes” mudassem “o rumo de sua existência, dando-lhe bases mais concretas, tornando-a um pouco mais útil aos seus semelhantes, educando-se e esclarecendo seu espírito, arraizando-o (*sic*) no sentido religioso [...]” (LUZ, 1954, p. 4).

Não há como descartar, no entanto, a hipótese de que a simples concentração, volumosa, visível, cotidiana de pessoas negras em um centro de poder econômico, político e simbólico pudesse ser mal-recebida pela população branca, independentemente de qualquer “código de civilidade” (RAJOVIA, 1937a). Afinal, tratava-se de uma sociedade que se entendia e gostava de se entender como “branca” (WEINSTEIN, 2015); que apreciava a “timidez” do negro – ou, mais objetivamente, lhe exigia que conhecesse “o seu lugar” (FERNANDES, 2021; GONZALEZ, 1982, 1984). Os embates em torno da reunião de moças e rapazes negros no espaço público indicam que tal “lugar” não era apenas simbólico, mas também físico. A visibilidade da população negra – e ainda por cima divertindo-se! – em plena rua afrontava as etiquetas que organizavam as hierarquias raciais vigentes.

O que chama a atenção é que, desde os anos 1940, quando houve uma tentativa de se proibir o trânsito de negros pelo Triângulo, o *footing* da rua Direita adquirira um novo sentido no âmbito dos discursos e das reivindicações dos militantes negros (SOTERO, 2015). De fato, aquele evento foi constitutivo de uma inflexão que se processaria progressivamente entre os movimentos negros, transferindo o ônus das desigualdades, preconceitos e discriminação raciais de seus próprios ombros para o Estado e para os “brancos”, numa linguagem de direitos (ALBERTO, 2011). O próprio Lino Guedes, que ponderava sobre as “maneiras” dos negros e negras que frequentavam a rua Direita, também denunciou a atitude da Secretaria da Segurança Pública e dos comerciantes como “consequência do preconceito de cor” contra a “única manifestação da presença do negro [no espaço público] em São Paulo” (BICUDO, 2010, p. 75).

As representações conflitantes acerca de uma mesma sociabilidade negra no centro da cidade, em espaços públicos “de poder” que emergem, lado a lado, em uma só edição da imprensa negra em 1954 assinalam, assim, a coexistência de percepções contraditórias, ou ao menos ambivalentes, com relação às experiências da população negra no espaço público. O *footing* e os romances que ele inspirava eram significativos o bastante para, de um lado converter-se em poesia, e, de outro, engendrar vigilância e reprovação. Essa censura se ligava intimamente aos

PENSAR FORA DO EIXO

constrangimentos de gênero, incidindo no controle sobre a mulher e, neste caso específico, da mulher negra. Eram “Don juans” que ameaçavam a “honra” de “moças honestas” e “ingênuas”; eram mulheres que se vestiam inadequadamente e diziam coisas indecorosas. No nível mais básico, o simples “misturar de homens e mulheres” podia configurar uma obscenidade. Efetivamente, essa sociabilidade refletia uma mudança nas formas de ocupação do espaço público, notadamente marcada pelo ganho relativo de autonomia das mulheres e, assim, de sua maior presença, lentamente, desde os anos 1920 (SCHPUN, 1997), que não deixaram de engendrar tensões, conflitos, estigmas e controle, ainda nos anos 1950. Ao mesmo tempo, observa-se a persistência da população negra desejosa de se divertir e de usufruir de seu tempo livre, continuando a passear pela rua Direita, pelos espaços dos “maiores” e de poder, a despeito dos estigmas que recaíam sobre ela.

2 “Você costuma fazer o ‘footing’”?

Na documentação primária consultada até aqui, são muito escassos depoimentos pessoais sobre a experiência social do *footing*. Apenas por meio de fontes secundárias, referentes a São Paulo e a outras cidades do país, como Porto Alegre, é possível acessar indícios e interpretações que se chocam com os estigmas que nos chegam tão abundantes. Alguns trabalhos enfatizam a condição de “operários” e “operárias” de alguns de seus frequentadores, em processo de “integração social” (BISPO, 2018; SILVA, 2017). Outros transcreveram depoimentos de homens e mulheres negras, destacando a importância conferida ao modo como se apresentavam naqueles passeios, sobretudo no que se refere à vestimenta, bem como a frustração causada pelas referências pejorativas àqueles transeuntes, que cotidianamente emergiam “nos jornais” (BERNARDO, 1998).

É difícil, portanto, encontrar relatos de pessoas negras que tenham frequentado o *footing*, redigidos em primeira pessoa, a não ser em produções culturais como as mencionadas acima. De modo geral, consolidou-se a ideia de que os passeantes negros da rua Direita pertenciam aos estratos mais pobres de sua população. Na síntese proposta por George Andrews (1991, p. 278–9), “a rua Direita era uma espécie de ‘território livre’ de socialização de negros pobres e da classe trabalhadora. Em contrapartida, para a classe média negra, tratava-se de uma “fonte de constrangimento e humilhação”. A considerar as reações de Raul Joviano do Amaral, Lino Guedes e Paulo Luz, os estigmas que recaíam sobre a rua Direita efetivamente consistiam em um incômodo imenso para eles. Há que se lembrar, contudo, de que a “classe média” correspondia a

PENSAR FORA DO EIXO

uma fração irrisória da população negra naquele período (FERNANDES, 2021; LOWRIE, 1938) e de que a “classe pobre e trabalhadora”, como, de resto, também sua “classe média”, era heterogênea. Com as limitações que as fontes consultadas impõem, delinearei algumas considerações acerca do “perfil” de quem “fazia o *footing*” por meio da análise de questionários preenchidos por sujeitos (provavelmente todos do sexo masculino) para o Projeto Unesco.

O questionário em questão continha, na seção dedicada ao lazer, a pergunta: “Costuma fazer o ‘footing’? Em que lugar e em que dia?”.¹⁴ A pergunta não foi muito explorada, nem no relatório para a Unesco (BASTIDE; FERNANDES, 2008 [1959]), nem na livre-docência de Fernandes (2021). A sua inclusão no instrumento de pesquisa assinala, contudo, alguns caminhos interpretativos. Essa seção do questionário se iniciava com uma pergunta aberta sobre as diversões preferidas do “informante”, seguida de perguntas específicas sobre: “clubes e bailes”; “cinema”; “footing” e “esporte”, bem como sobre quem eram os seus companheiros de diversão. Tais modalidades específicas de lazer podem ter sido motivadas pela sua “popularidade”, isto é, pelo fato de serem práticas amplamente difundidas na sociedade. No entanto, elas também buscavam flagrar uma especificidade “racial” dessas práticas. Era sabido de todos, por exemplo, que havia clubes e bailes voltados para a população negra, já que esta era barrada em seus equivalentes destinados aos brancos. Do mesmo modo, o esporte passava a ser considerado um dos poucos meios através dos quais o negro podia, embora muito raramente, ascender socialmente e ganhar prestígio, especialmente no futebol, ao passo que persistiam práticas de discriminação de clubes esportivos contra pessoas negras. É improvável que a inclusão do *footing* no questionário não tivesse nenhuma relação com a percepção pública sobre a existência de um *footing* dividido por uma “linha de cor”, nem com os conflitos raciais que ele suscitou.

No Fundo Florestan Fernandes, constam apenas onze questionários respondidos, sendo que, para a pesquisa da Unesco – mas não para a minha –, a maior parte foi considerada “totalmente” ou “parcialmente” prejudicada. O relatório final para a Unesco (BASTIDE; FERNANDES, 2008 [1959]) sugere que um número muito superior de questionários foi aplicado. Não se trata, portanto, de buscar elaborar generalizações sobre o perfil das pessoas que faziam ou não faziam o *footing*, mas de explorar, a partir dos dados levantados, algumas hipóteses e nuances sobre aquela prática social. Entre os onze questionários respondidos, estão identificados os de intelectuais negros bastante conhecidos pela bibliografia especializada, como Jayme Aguiar, José Correia

¹⁴ “Observações de massa”. Fundo Florestan Fernandes, COLESP/Bibcom – UFSCAR.

PENSAR FORA DO EIXO

Leite e Jorge Prado Teixeira¹⁵. Além desses, Lázaro Barbosa, sobre quem não encontrei referências bibliográficas além das fornecidas no próprio questionário, também se identificou. Quanto aos demais, são anônimos. Apenas duas pessoas – Jayme Aguiar e José Correia Leite – eram naturais da capital paulista. Outras quatro eram naturais do interior do estado; duas eram oriundas de Minas Gerais; uma de Goiânia e outra de Pernambuco. Os demais provinham de cidades do interior do estado de São Paulo. O questionário não indagava sobre o seu tempo de residência na capital.

Entre os respondentes que recebiam maior remuneração, a renda era discrepante. Um médico e professor chegava a receber entre Cr\$ 10.000 e Cr\$ 15.000 mensais. Como funcionário público, contador e professor, outro auferia Cr\$ 5.000,00. Outro, mais jovem, recebia Cr\$ 3.000,00, renda essa advinda de seu trabalho como funcionário público de uma repartição estadual e de alguns serviços extras. Em comum, os três eram praticamente os únicos a considerar o salário “suficiente” para atender às suas necessidades¹⁶ e, o que é mais significativo, os únicos em condições de fazer poupança e de comprar roupas – esses eram, portanto, os principais fatores de distinção entre suas condições de subsistência e a dos demais. Os dois com maior renda tinham pelo menos uma empregada doméstica. Um residia na Vila Pompeia; outro na Vila Mariana. O mais jovem, que recebia Cr\$ 3.000 mensais, residia na Bela Vista, onde alugava uma boa casa da tia de sua esposa que, no entanto, vivia com o casal. Dos três, pelo menos dois participavam ativamente de organizações negras.

Numa situação intermediária, encontrava-se José Correia Leite, atuante militante negro, que recebia bastante menos que seus colegas como funcionário público, trabalhando no almoxarifado do Departamento de Urbanismo da Prefeitura.¹⁷ Também ele possuía casa própria, que estava ainda construindo e pagando, no Ipiranga. Diferentemente dos anteriores, ele indicou que o salário não era suficiente para cobrir todas as despesas. O maior número de respostas (5) foi fornecido por pessoas que ganhavam entre Cr\$ 950,00 e Cr\$ 1.350,00, exercendo profissões de pedreiro, ensacador em fábrica, porteiro de fábrica, pintor ou montador – ou seja, de baixo/médio nível de especialização. Há, ainda, dois questionários, sendo um deles respondido por um pedreiro, em

¹⁵ Estudante da FFLC à época do inquérito, Jorge Prado Teixeira, negro, criado por uma família “tradicional” em Ribeirão Preto, exerceu os papéis de “informante” e de “pesquisador” no Projeto Unesco. Ele se destacou por organizar as mesas-redondas voltadas à discussão de temas referentes ao “preconceito de cor” e à situação do negro em São Paulo.

¹⁶ Além deles, um jovem pintor de 20 anos afirmou que seus vencimentos mensais de Cr\$ 1.166 eram suficientes para atender às suas necessidades.

¹⁷ Sua renda mensal aproximada era de Cr\$ 1.950,00, mas, diferentemente dos dois de maior renda, provinha de um único emprego de seis horas diárias.

PENSAR FORA DO EIXO

que a renda não foi informada. Nesse grupo, o mais velho, com 62 anos, montador, tinha casa própria na Vila Nova Cachoeirinha, que ainda estava pagando. Os demais (um de 20 e os outros entre 28-30 anos) viviam de aluguel em bairros como a Consolação, Pinheiros, Vila Prudente e Tucuruvi.¹⁸ Nenhum deles informou se era membro de organizações negras, exceto um, que apesar de ter deixado muitas perguntas sem responder, fez diversas menções a uma “sociedade” – não especificada – da qual participava.

Quanto à diversão propriamente dita, o “cinema” era uma quase-unanimidade, independentemente da renda. Entre os três de maior renda, tinham por atividades preferidas: ir ao cinema (3); ir a clubes e bailes (2); além de “teatro, música e futebol” (1). José Correia Leite gostava de “ouvir boa música em casa”. O “cinema” também era a diversão preferida de dois dos cinco da menor faixa de renda analisada, entre os que informaram. Um deles gostava de natação; outro, de ouvir e frequentar auditórios de estações de rádio; outro, de jogar cartas e dançar; e um, Lázaro Barbosa, indicou que sua diversão preferida era fazer o “footing pela cidade”. Entre os demais, oito indicaram “não” e dois não responderam à questão sobre esse lazer específico. Considerando que o questionário respondido por Lázaro Barbosa constitui um raro documento em que o *footing* é apresentado como parte das experiências pessoais do sujeito, vale indagar sobre o seu cotidiano e compará-lo com o de outra pessoa não identificada, mas que teve a oportunidade de externar sua total aversão ao *footing* da rua Direita.

O questionário poderia ser preenchido pessoalmente, entregue diretamente aos pesquisadores ou enviado à FFLC/USP. Caso os informantes assim o desejassem, o questionário poderia ser preenchido por um pesquisador. Lázaro Barbosa o preencheu sozinho e o entregou na faculdade, com uma carta de apresentação, em que afirma ter sido instruído a responder ao questionário por um “velho amigo”. Ele era solteiro, tinha 28 anos e era natural de Goiânia. Residia sozinho na rua Frei Caneca, possivelmente em uma habitação coletiva, pois ele se referia apenas ao seu “quarto”. Trabalhava como pedreiro, o dia todo, e parte do salário de Cr\$ 1.350,00 se destinava a ajudar a mãe. Nem sempre o que recebia era suficiente. Ocupava suas horas vagas, principalmente, com a organização do quarto e com o estudo, inclusive aos finais de semana à noite. “Ficava muito tempo em casa” (infere-se que fora do horário de trabalho), sendo “difícil sair para passear”. Gostava de receber visitas, mas as recebia raramente e não dava festas em casa. Seu círculo de relações de amizade era bastante restrito. Tinha alguns amigos do trabalho, e afirmou que a “raça predominante” de seu círculo de relações era “brasileira”. Ele demonstrava ter

¹⁸ Os bairros estão indicados em ordem crescente de distância em relação ao centro.

PENSAR FORA DO EIXO

sensibilidade para a questão racial. Por exemplo, indagado sobre se “a cor [limitava] as oportunidades de trabalho dos pretos”, ele respondeu que “a burguesia [preferia] os brancos” e considerava que “o preconceito de cor” existia no Brasil. Resumia a “situação dos pretos em São Paulo” como “média”. Contudo, afirmou que nunca tivera experiências desagradáveis por causa da cor, nem culpava os “brancos” pela situação do “preto” em seu meio. Era filiado ao PTB. Quanto às diversões, como dito, Lázaro Barbosa tinha como preferência o “*footing* pela cidade”, o que fazia aos domingos, quando aproveitava para ir ao cinema. “De quando em vez”, frequentava bailes e clubes, “nem sempre”. Não praticava nenhum esporte, mas gostaria de fazer natação. Não tinha companheiros de diversão.

Com a mesma idade de Lázaro Barbosa, outro informante era, no entanto, casado. Como informou à pesquisadora que preencheu o seu questionário, ele era natural de Botucatu e residia no Tucuvi. Entender qual era sua profissão é tarefa confusa. O cabeçalho indica tratar-se de um “cozinheiro”, mas, no questionário, ele informa que era ensacador em uma fábrica, o que lhe rendia Cr\$ 1.200 mensais – suficientes para cobrir as despesas “fazendo força”. Trabalhava todos os dias da semana – de segunda a sábado, em seu emprego principal, e aos domingos, pela manhã, quando “ajudava na feira”. Disse, no entanto, que sua “verdadeira profissão” era a de oleiro, da qual desistira “muito moço” sem concluir “o aprendizado” da mesma. Apesar disso, aproveitava seu tempo livre. Sábado à tarde, depois do trabalho, ia ao cinema (ele menciona o Paratodos e o Santa Helena, ambos no centro da cidade) e no domingo à noite, jogava cartas. Tinha bastante amigos, mas, ao que parece, eram os do interior que vinham visitá-lo. Ele informou que “os da fábrica” ainda não o haviam visitado – o que pode sugerir que talvez estivesse naquele emprego havia pouco tempo ou, simplesmente, que a “amizade” no trabalho não se traduzia em contatos mais íntimos. Gostava de receber visitas e dava festas em aniversários. Diferentemente de Lázaro Barbosa, não via nenhuma limitação às “oportunidades dos pretos” em função da cor – “tudo depende das aptidões”, disse, e a “raça predominante” em seu círculo de amizades era de “brancos”. Nunca sofrera “revezes por causa da cor” e não achava que existia “preconceito de cor” no Brasil. Apesar disso, considerava que o branco desaprovava o casamento de suas filhas e irmãs com “rapazes de cor” – ao contrário de Lázaro Barbosa! Quanto à questão sobre o negro ser “superior, inferior ou igual ao branco” respondeu: “Igual não é!”. Asseverava, ainda, que o eleitorado negro deveria orientar suas reivindicações para “evitar as leis de segregação racial”. “Estudar” e “lutar contra a segregação racial” eram, segundo ele, o que cabia aos “pretos” na transformação de sua situação para melhor. Era filiado ao PSP. Suas diversões preferidas eram jogar cartas, dançar e ir ao cinema, que geralmente frequentava aos sábados e domingos. Seus

PENSAR FORA DO EIXO

companheiros de diversão eram “brancos e amigos do interior”. Aos sábados, além do cinema, também frequentava bailes. Não praticava esportes. Interrogado sobre se costumava fazer o *footing*, respondeu que não. Contudo, a pesquisadora insistiu e anotou: “Quando perguntei-lhe se não costumava passear pela rua Direita aos sábados e domingos a resposta foi: ‘Não. Deus me livre. Eu não passo por lá!’”.

O comentário da pesquisadora é curioso. Ele indica que havia interesse e mesmo expectativa de identificar informantes que frequentassem a rua Direita em seus passeios. Não é possível saber se a pergunta foi feita porque ele correspondia a um perfil compatível com o imaginário que a pesquisadora se fazia dos frequentadores negros do *footing*. A reação do “informante” é ainda mais surpreendente, pois sugere que ele estava ciente dos estigmas associados aos “negros da rua Direita”. Se ele não “passava por lá”, ele ainda assim andava “muito perto”, já que os cinemas que ele frequentava estavam logo ao lado. Essa informação é importante, também, para lançar dúvidas sobre certas inferências apressadas de que ele não frequentaria a rua Direita por morar “longe” dali, embora de fato residisse muito mais distante do centro do que Lázaro Barbosa. Ao que tudo indica, as dinâmicas urbanas – a organização do sistema de transporte, convergindo para o centro da cidade; a localização do emprego; a necessidade de acessar determinados serviços; e, por que não, a busca por opções de lazer como bailes, clubes e cinemas – faziam convergir os trajetos para o centro, independentemente da distância do local de moradia. Os percursos eram longos e cotidianos.¹⁹

Apesar das limitações impostas pela documentação, a comparação entre os dois rapazes – um tendo o *footing* como diversão preferida, outro explicitando sua completa aversão àquela prática – permite aventar certas hipóteses. Primeiro, diferentemente do que acreditavam lideranças negras, como Raul Joviano do Amaral ou Paulo Luz, e o próprio Secretário da Segurança Pública Alfredo Issa Assaly, nos anos 1940, parecia haver menos correlação entre o *footing* e os *bailes* do que outras atividades de lazer que se ofereciam no centro, como o cinema. Os dois informantes que se manifestaram com relação ao *footing*, com visões antagônicas, tinham renda semelhante e realizavam trabalhos de pouca especialização (embora ensacador seja menos especializado que pedreiro). Não se sabia como seria o futuro. Enquanto Lázaro Barbosa estudava na expectativa de conseguir uma colocação melhor, o outro informante esclareceu que “abandonara o

¹⁹ A “descentralização” já estava na ordem do debate público nos anos 1950, embora esse se tornasse um tema mais recorrente apenas na década seguinte. Ver, por exemplo, Vianna Filho (1953); “Os desiludidos...” (1954); “Rua Direita...” (1965); “O comércio...” (1965).

PENSAR FORA DO EIXO

aprendizado” muito cedo, se dizia satisfeito com o trabalho que exercia e não pretendia mudar de emprego.

Quanto ao engajamento com as questões raciais, nenhum deles demonstrou vínculo com alguma organização, e suas respostas foram ambivalentes. Lázaro Barbosa argumentava que “o preconceito existe”, citou exemplos de como isso se manifestava, mas ele próprio não acreditava ter sofrido nenhum revés devido à sua cor. O fato de um “velho amigo” tê-lo estimulado a preencher o questionário pode sinalizar alguma proximidade com intelectuais e militantes que se projetaram como lideranças no Projeto Unesco, mas é difícil comprová-lo, ao menos por enquanto. O outro acreditava que o preconceito não existia, mas também considerava que “brancos” e “pretos” “iguais não eram”.

A diferença mais relevante parece ser o estado civil e a densidade das relações sociais. Lázaro Barbosa era solteiro e não tinha companheiros de diversão, ao passo que o outro era casado, afirmou receber muitos amigos e ter companheiros para sair. Considerando que a “paquera” estava no horizonte do *footing*, é mesmo possível que essa fosse uma explicação para a aversão externada pelo homem casado. Do mesmo modo, passear era uma atividade pouco dispendiosa e que poderia ser feita sozinho, nem que fosse para “observar o movimento”. A idade, possivelmente, também contava. Como o único que afirmou gostar de fazer o *footing* tinha 28 anos, isso se coaduna com a hipótese de que se tratava de uma prática mais procurada por pessoas jovens. Contudo, ficou claro que alguém da mesma idade e de perfil social com muitas semelhanças poderia não frequentar – ou não desejar afirmar que frequentava – a rua Direita “de jeito nenhum!”. O nível de renda, a ocupação, o nível de “consciência” racial, a naturalidade, o gosto por festas e bailes, nada parece permitir inferir algum tipo de especificidade em relação aos praticantes de *footing*.

O mais interessante, contudo, é a fricção que o registro de Lázaro Barbosa produz com as imagens “degradantes”, “vergonhosas”, “barulhentas”, “obscenas” que emergem nos discursos de alguns militantes negros, como visto na seção anterior, mas também no de pessoas brancas (DUARTE, 1947; COISAS QUE NOS ENVERGONHAM, 1947). Lázaro Barbosa trabalhava, auxiliava parentes, aspirava a melhorar sua condição de vida através dos estudos. Não há como considerá-lo um negro “sem senso de responsabilidade”. Seu caso sugere, ao contrário, que a prática do *footing* não era incompatível com trajetórias marcadas pelo trabalho regular, pelas responsabilidades familiares e por aspirações de ascensão social por meio dos estudos.

PENSAR FORA DO EIXO

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo explorou diferentes representações que circularam acerca da rua Direita no meio social negro nos anos 1950, por meio da consulta à documentação primária do projeto Unesco. Desde logo, é preciso insistir que a rua Direita, nos anos 1950, era, havia cerca de duas décadas, considerada como um espaço de forte concentração de pessoas negras e que os efeitos disso estavam longe de ser neutros. Nesse sentido, as diferentes representações respondiam, cada uma à sua maneira, às experiências e tensões sociais concretas associadas à presença negra no centro da cidade. A edição de janeiro de 1954 do periódico negro *O Novo Horizonte* é sintomática das posições conflitantes que essa sociabilidade negra despertava entre a população negra. No registro lírico, a rua Direita e suas imediações, como a praça do Patriarca, onde ela terminava, assumiam uma conotação afetiva, figurando como espaços de encontro e de possibilidade amorosa. Nesse contexto, prevalecia a valorização da mulher negra, elevada ao patamar de musa. No cotidiano, porém, os comportamentos da “musa” tornavam-se objeto de forte escrutínio e de condenação por parte de uma parcela não desprezível de militantes negros. A mulher negra, mesmo “honesta”, era “ingênua”, incapaz de dispor sobre si mesma. “Sem orientação”, estava sempre no limiar da promiscuidade. O “namoro” acrescido dos “botequins” compunha um cenário ameaçador para todo o grupo negro, especialmente a partir do momento em que essa sociabilidade ocorria sob o olhar dos “brancos”, e não quaisquer brancos, mas os “donos do poder”. Esses conflitos em torno das sociabilidades negras no espaço público permitem sugerir que a população negra, ao *escolher* a rua Direita e suas imediações, disputava o direito de habitar e usufruir dos espaços mais valorizados da cidade. Ao mesmo tempo, observando à distância, outra parcela da população negra temia, não sem fundamento, que o julgamento moral daquela manifestação coletiva negra no espaço público – a “única”, segundo Lino Guedes – ampliasse as barreiras, bem conhecidas e nada desprezíveis, enfrentadas indistintamente pela população negra em suas aspirações por reconhecimento e igualdade de direitos. Ao serem “condenados” alguns, eram todos os negros que “pagavam” por isso. A sociabilidade negra da rua Direita era propícia à estigmatização. Afinal, do “botequim” e do “namoro” ao “alcoolismo” e à “obscenidade”, a distância era perigosamente ínfima, especialmente quando sabemos que estes eram estereótipos raciais correntes, com efeitos muito concretos sobre a população negra em geral.²⁰

²⁰ A documentação reunida no Fundo Florestan Fernandes conta com diversos relatos sobre a presunção de que os negros desejavam “cachaça” quando entravam em um bar; de que tinham a boca cheirada para verificar se não estavam alcoolizados; entre outros. A “promiscuidade” também pode ser observada nos

PENSAR FORA DO EIXO

A oportunidade de analisar o questionário aplicado a pessoas negras não permite apresentar uma representação mais “objetiva” do que as duas anteriores, tão contrastantes entre si. Ela possibilita, ainda assim, aportar alguns matizes relevantes. Coincidentemente, os dois informantes que externaram alguma avaliação do *footing* tinham muito em comum, como a idade; a condição migrante – um nascera capital goiana; outro no interior de São Paulo²¹ –, a renda, a longa jornada de trabalho e o gosto pelo cinema.

Para um deles, o *footing* no centro da cidade era a diversão preferida; o outro “Deus o livrasse” de passar por ali. O que parece diferenciá-los é, principalmente, o estado civil e a presença ou ausência de “companheiros de diversão”. Nesse sentido, o *footing* parece se revelar como uma possibilidade de lazer relativamente acessível e desejada por alguém que carecia de companhia. O fato de Lázaro Barbosa dedicar parte de seu tempo livre aos estudos e aspirar a uma melhor colocação permite nuançar as generalizações acerca dos negros que “faziam o *footing*” como pessoas “sem senso de responsabilidade” e sem aspirações a melhores condições de vida. Quanto à relação entre *footing* e “bailes”, por acaso ou não, quem mais ênfase deu à frequência destes últimos foi quem demonstrou aversão ao *footing*. É difícil saber se essa aversão decorria diretamente dos estigmas que circulavam sobre os negros que o frequentavam ou se ela se relacionava mais com o fato de um homem casado não querer ser associado com uma prática vinculada à “paquera”. Possivelmente houvesse uma combinação dos dois fatores. A considerar o único questionário de quem efetivamente, fazia o *footing*, essa prática parecia estar mais associada à frequência ao cinema do que a bailes.

Em termos de renda e ocupação, ambos os pesquisados desempenhavam atividades ou recebiam um ordenado que poderia classificá-los como parte de uma “classe baixa” ou, no máximo, de uma “classe média baixa” à época. Com relação às suas posições diante da questão racial, apesar das ambiguidades em suas respostas, os dois tinham alguma sensibilidade em relação à “situação do negro” no Brasil, ainda que não relacionassem, no questionário, essa condição às suas experiências pessoais. Lázaro Barbosa, contudo, parecia mais sensível a essa problemática e, talvez, estivesse mais próximo de militantes mais engajados. Isso se depreende de suas respostas mais assertivas com relação à existência de preconceito, tema que prevaleceu ao longo

depoimentos sobre relações afetivas e sexuais interracialis, em questionários e entrevistas respondidos por homens brancos.

²¹ Seria relevante saber há quanto tempo residiam na capital, o que não foi possível descobrir. Para Lázaro Barbosa, cuja identidade é conhecida, há maior probabilidade de que informações adicionais sobre sua trajetória venham a ser identificadas com o desenvolvimento da pesquisa.

PENSAR FORA DO EIXO

das mesas-redondas do Projeto Unesco. Em diversas dessas sessões, Fernandes ou Bastide insistiram na importância de que os participantes respondessem ao questionário e estimulassem seus conhecidos a fazê-lo.

As representações idealizadas ou detratoras da experiência social negra na área central tinham finalidades relevantes. Idealizadas, elas contribuíam para inserir a pessoa negra, valorizada e dignificada, no imaginário sobre o espaço público paulistano. Detratadas, elas revelavam preocupações legítimas de uma parcela da população negra, que tinha a expectativa de demonstrar o valor de “toda uma raça” a partir de um código moral e de conduta extremamente rígido, que aos brancos jamais seria cobrado da mesma maneira. Se uma representação mais complexa do *footing* da rua Direita ainda está por ser feita, o encontro com Lázaro Barbosa permitiu acessar, minimamente, a experiência dessa sociabilidade pela perspectiva de alguém que a vivenciou, e que nela encontrou prazer, importante para prosseguir em sua luta – ao menos pessoal – por não apenas “sobreviver”, mas “viver” a cidade em sua plenitude.

REFERÊNCIAS

ALBERTO, Paulina. **Terms of Inclusion: Black Intellectuals in Twentieth-Century Brazil**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2011.

ANDREWS, George Reid. **Blacks and Whites in São Paulo Brazil 1888-1988**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1991.

AZEVEDO, Thales De. Fazer a corte no Brasil: o namoro e a paquera. **Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien**, v. 30, n. 1, p. 117–126, 1978.

BARBOSA, Márcio (Org.). **Frente Negra Brasileira – Depoimentos**. São Paulo: Quilombhoje, 1998.

BASTIDE, Roger. Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo (III) - Manifestações do preconceito de cor. **Anhembi**, São Paulo, v. 11, n. 32, p. 247–277, 1953.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Brancos e Negros em São Paulo - Ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana**. São Paulo: Global, 2008.

BERNARDO, Teresinha. **Memória em branco e negro: olhares sobre São Paulo**. São Paulo: Ed. Unesp/ FAPESP, 1998.

BICUDO, Virgínia Leone. **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. São Paulo, SP, Brasil: São Paulo, SP, Brasil Editora Sociologia e Política, 2010.

BISPO, Alexandre Araujo. **Os percursos da memória e da integração social: o arquivo**



PENSAR FORA DO EIXO

peçoal de Nery e Alice Rezende, mulheres negras em São Paulo, (1948-1967). Tese (doutorado) – FFLCH/USP, São Paulo, 2018.

Cardoso F.H., Ianni O. **Cor e mobilidade social em Florianópolis: aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil Meridional.** 1960

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes.** 6. ed. ed. São Paulo: São Paulo Contracorrente, 2021.

GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In: _____. **Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História.** São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

GONZALEZ, Lélia. O movimento negro na última década. In: GONZALES, Lélia; HASENBALG, Carlos Alfredo (org.). **Lugar de negro.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. p. 9–66.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, p. 223–243, 1984.

João Antônio. “Virgens blindadas do *footing*”. In: **Casa de Loucos.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 73-79.

LIMA, Nilsângela Cardoso; SILVA, Geovane Pereira da. *O Novo Horizonte: identidade e memória coletiva da raça negra na imprensa.* **Animus.** Santa Maria, v. 21, n. 46, pp. 21-41, 2022.

LOWRIE, Samuel. O elemento negro na população de São Paulo. **Revista do Arquivo Municipal de São Paulo**, v. 48, p. 5–55, 1938.

MAIO, Marcos Chor. **A história do Projeto UNESCO: Estudos raciais e ciências sociais no Brasil.** Tese (Doutorado) – IUPERJ, Rio de Janeiro, 1997.

SCHPUN, Mônica Raisa. **Les années folles à São Paulo: hommes et femmes au temps de l’explosion urbaine (1920-1929).** Paris: L’Harmattan, 1997.

SILVA, Fernanda Oliveira Da. **As lutas políticas nos clubes negros: culturas negras, racialização e cidadania na fronteira Brasil-Uruguai no Pós-Abolição (1870-1960).** Tese (Doutorado) – UFRGS, Porto Alegre. 2017.

SIQUEIRA, Renata Monteiro. Sobre Elegância E Decadência: As Transformações Urbanas No Centro De São Paulo À Luz Das Relações Raciais (1930-1950). In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO 2025, Natal. **Anais [...].** Natal: ANPUR; UFRN, 2025.

SOTERO, Edilza Correia. **Representação Política Negra no Brasil Pós-Estado Novo.** Tese (Doutorado) – FFLCH/USP, São Paulo, 2015.

WEINSTEIN, Barbara. **The Color of Modernity.** Durham: Duke University Press, 2015.

Artigos de Imprensa

ASSUMPÇÃO, Carlos de. “A negrinha que passou”. **Novo Horizonte.** São Paulo, jan. 1954, p. 2.

PENSAR FORA DO EIXO

“COISAS QUE NOS ENVERGONHAM”. **O Estado de São Paulo**. 26/10/1947, p. 9.

DUARTE, Paulo. “Negros no Brasil”. **O Estado de São Paulo**. 17/04/1947, p. 6.

LUZ, Paulo. “Protesto de um jovem negro”. **Novo Horizonte**. São Paulo, jan. 1954, p. 4;2.

“NECESSIDADE de melhor policiamento da rua Direita”. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 20/02/1950, p. 5.

“O COMÉRCIO segue o caminho do Sol”. **O Estado de São Paulo**, 04/07/1965, p. 22.

“OS DESILUDIDOS do largo do Arouche”. **O Estado de São Paulo**. 09/12/1954, p. 9.

“PARA QUEM apelar?”. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 09/03/1950, p. 8.

RAJOVIA (Raul Joviano do Amaral). “Deplorável: a rua Direita, suas frequências e remédios. **A voz da raça**, março 1937.a, p. 1

_____ “A rua Direita: corrompimento social, degradação moral”. **A voz da raça**, abr. 1937.b, p. 1

“RUA DIREITA, ontem e hoje”. **O Estado de São Paulo**. 23/05/1965, p. 24.

VIANA FILHO. “O problema do trânsito”. **O Estado de São Paulo**. 18/04/1953, p. 7.